

## A AÇÃO DO BAYGON (OMS-33) NO COMBATE AO *PANSTRONGYLUS MEGISTUS*

Ítalo A. Sherlock e Tácito M. Muniz

*Durante o ano de 1972 a 1975 o Baygon (OMS-33) 2 – isopropoxifenil - N - metil – carbamato foi utilizado no combate ao P. megistus numa pequena área de 200 casas no Estado da Bahia endêmica para a doença de Chagas. Somente na dosagem de 1,6mg/m<sup>2</sup>, em duas aplicações anuais, os resultados foram considerados satisfatórios. Devido ao elevado custo do produto, é considerado que ele não possa ser utilizado em campanhas profiláticas do governo, podendo entretanto ser utilizado por fazendeiros de recursos em suas próprias fazendas protegendo-se assim contra a proliferação dos vetores da Doença de Chagas.*

Entre alguns inseticidas que têm sido usados para combater o *Panstrongylus megistus*, destacam-se o BHC e o Malathion<sup>3,4,5</sup>. O Baygon (OMS-33), embora muito utilizado como inseticida doméstico contra vários tipos de insetos, somente tinha sido experimentado contra a *T. infestans* em outros países sul-americanos. Desde que a Companhia Bayer do Brasil se dispôs a nos fornecer o inseticida necessário, realizamos testes para combater o *P. megistus* da doença de Chagas em uma área endêmica do Estado da Bahia. Aqui apresentamos os resultados que obtivemos sobre a ação desse inseticida na luta contra aquele vetor.

### MATERIAL E MÉTODOS

O Baygon, nome comercial para produto Bayer 39007 ou OMS-33, é quimicamente o 2-isopropoxifenil – N – metilcarbamato, um pó cristalino branco, com um ligeiro odor do fenol, solúvel em águas e outros dissolventes polares orgânicos, susceptível de hidrólise em meio alcalino, sendo que em solução aquosa com pH7 se hidrolisa aproximadamente, 1,5% por dia.

Segundo os dados fornecidos pela Bayer, a sua toxicidade é muito baixa, sendo a DL 50 oral para ratos aproximadamente de 100 mg/Kg, e para cobaia 40mg/Kg. A DL cutânea é praticamente nula; a DL 50 inalatória

para ratos gira em torno de 1000 mg/ m3.

Não há praticamente toxicidade crônica para ratos e cães, nem alterações hemáticas, nem das funções renal e hepática.

Para os insetos, já o Baygon é um tóxico gástrico, tendo também uma forte ação pelo contacto, com notável rapidez letal. Muito importante também é seu efeito irritante e desalojante para os insetos em geral e aracnídeos.

O Baygon na apresentação comercial vem apenas com 50% do produto ativo puro.

As observações com o Baygon foram por nós realizadas numa pequena área do município de São Felipe, Estado da Bahia, infestada pelo *P. megistus* e hiperendêmica para Doença de Chagas. O programa inicial constava da borrifação de 78 casas uma vez por ano, com uma dose de 0,4mg/m<sup>2</sup> do produto ativo; mais 76 casas borrifadas duas vezes por ano com a dose de 0,4mg/m<sup>2</sup> e mais 57 casas borrifadas uma vez por ano com uma dose de 0,8mg/m<sup>2</sup> tendo ficado 77 casas sem borrifar para servir de controle (Tabela I). Tais concentrações embora muito mais baixas que as testadas por Schenone contra o *T. infestans* no Chile (2), foram-nos sugeridas pelo próprio Departamento Fitossanitário da Bayer.

Em janeiro de 1972 as áreas em observações tinham sido previamente inspecionadas para triatomíneos, sem uso de desalojantes

\* Trabalho do Núcleo de Pesquisas da Bahia da Fundação Oswaldo Cruz.  
Recebido para publicação em 7-12-1976.

químicos, trabalhando-se 10 minutos em cada casa. Dessa forma, investigamos 246 domicílios dos 259 existentes, onde coletamos 167 triatomíneos. A média horária foi de 5,3 triatomíneos por hora. Todos os triatomíneos foram examinados para *T. cruzi*, observando-se o índice de 13,3 de triatomíneos infectados.

Uma equipe composta por quatro auxiliares, sob a supervisão direta de um dos Autores, fez a primeira borrifação do total de 285 domicílios, usando-se a bomba Hudson X Pert. Uma parte dos domicílios não foi borrifada, cuja intenção era de servir a mesma como controle, tendo essa sofrido apenas a inspeção para triatomíneos durante 10 minutos após o uso de piriza.

Como o Baygon tinha potente ação desalojante para os insetos, após sua borrifação, esperava-se 10 minutos e fazia-se um levantamento da densidade dos triatomíneos, trabalhando-se aproximadamente 10 minutos em cada domicílio. Os resultados iniciais forneceram um índice global de 8,1 triatomíneos por hora, quando então foram coletados 463 exemplares de *P. megistus*, entre os quais 61 estavam infectados pelo *T. cruzi* (13,9%) (Tabela III).

Em novembro de 1972 foi realizado o segundo ciclo de borrifação na área com planejamento semestral. O método de trabalho foi o mesmo utilizado anteriormente. Foi então trabalhada a totalidade dos prédios existentes, tendo havido um crescimento vegetativo da ordem de 13% ou seja o número de prédios aumentou de 76 para 85 no período de seis meses (maio a novembro), nas duas localidades.

Em maio de 1973 foi realizado o 3º ciclo de borrifação nas áreas com programa semestral e o 2º ciclo na área com programa anual, seguindo-se a mesma orientação anterior (Tabela IV).

Em vista de várias casas continuarem positivas para triatomíneos (16,6%), entre elas algumas infestadas desde o início das observações com esse inseticida, decidiu-se reformular a programação, aumentando-se as concentrações do inseticida, conforme a Tabela II.

Ficou planejado então o início das borrifações com o novo esquema para agosto de 1973. Contudo, em vista da falta de verba para realizações dos trabalhos, assim como também da falta do recebimento de nova quantidade de inseticida, houve um

intervalo de sete meses sem haver borrifações. Somente em novembro de 1973, iniciou-se o novo ciclo de aplicações semestrais e anuais com as concentrações mais elevadas, os quais perduraram por um ano, conforme a tabela II. Foram realizados mais três círculos de borrifações ou seja em novembro de 1973, maio de 1974 e novembro de 1974. Em fevereiro de 1975, foi feita a última aplicação de Baygon com um levantamento global para a avaliação dos resultados.

## RESULTADOS

Inicialmente, foram borrifadas 285 residências quando encontraram-se 22,8% de casas com *P. megistus* e entre elas 33,8% com o inseto infectado pelo *T. cruzi*. Foram coletados 463 exemplares, de *P. megistus* dando uma média horária de 8,4 triatomíneos por hora e 13,9% deles infectados pelo *T. cruzi*. (Tabela III).

Na área controle, onde simultaneamente só se usou piriza, a inspeção revelou 21,6% de casas com triatomíneos, 6,2% delas com triatomíneos infestados pelo *T. cruzi*. Foram coletados 102 exemplares de *P. megistus* dando uma média horária de 7,6 triatomíneos e entre eles 1,2% de positivos para *T. cruzi*.

Na realidade, com o primeiro esquema de trabalho, mesmo utilizando-se baixas concentrações de Baygon, houve inicialmente uma queda acentuada no índice de casas infestadas, conforme os dados abaixo e os das tabelas III e IV.

Entretanto, também na área controle, o índice de infestação caiu de 21,6% para 11,5%. Como muitas das casas inicialmente infestadas permaneceram assim após as borrifações, as concentrações do inseticida foram então aumentadas, conforme os dados da Tabela II iniciando-se o novo ciclo de observações. Resolvemos nessa mesma oportunidade investigar qual a causa de ter havido também uma queda na densidade de casas infestadas da área controle sem borrifações, através da realização de questionários casa por casa. Verificamos então que nessa área, medidas de combate ao setor tinham sido feitas pela iniciativa privada dos próprios moradores que usaram meios diversos para combater os triatomíneos, inclusive inseticidas domésticos. Os resultados que obtivemos com o novo programa reformulado, são os apresentados nas Tabelas V - VI - VII.

Como se pode verificar na segunda parte das observações, apesar das concentrações de inseticidas terem sido mais elevadas, as quedas nos índices de casas infestadas não foram tão acentuadas como as obtidas inicialmente.

Os percentuais de casas que permaneceram infestadas após as últimas aplicações do inseticida, foram bem elevados, demonstrando cerca de 0 a 20,5% delas infestadas e uma densidade de 0 a 8,2 triatomíneos por hora nessas áreas testadas. Portanto, no final das

observações as diferenças dos resultados das áreas testes para aqueles obtidos nas áreas controles, não foram muito significantes, embora tenha havido uma queda nas taxas de infestação, conforme os dados abaixo resumidos e que são vistos com detalhes nas tabelas V a VII. Foram entretanto mais acentuados os resultados da área onde foram realizadas 2 borrifacões anuais com a concentração de 1,6mg/m<sup>2</sup> (Quadro I).

QUADRO I: ÁREAS TRABALHADAS E RESULTADOS GERAIS OBTIDOS

Área	Frequência anual	Concentração de Baygon	Antes 1972		Após 1974	
			% casas infestadas	Média Horária Triatom.	% casas infestadas	Média horária Triatom.
A	2 borrifacões anuais	0,8mg/m <sup>2</sup>	15,3	3,5	13,3	3,5
B	1 borrifacão anual	1,6mg/m <sup>2</sup>	19,7	13,8	13,1	5,3
C	2 borrifacões anuais	1,6mg/m <sup>2</sup>	38,5	6,6	6,8	0,8
Área controle		Piriza	21,6	7,6	14,2	3,2

QUADRO II: GASTOS COM PESSOAL EMPREGADO NO EXPERIMENTO COM BAYGON

PESSOAL	Salário Dia Cr\$	Alimentação e pousada Cr\$	Total Cr\$
1 Supervisor	Cr\$ 67,83	Cr\$ 94,85	Cr\$ 162,48
2 Guardas	Cr\$ 17,70	Cr\$ 41,76	Cr\$ 118,92
1 Motorista	Cr\$ 17,70	Cr\$ 45,69	Cr\$ 63,39
<b>TOTAL:</b>	<b>Cr\$ 103,23</b>	<b>Cr\$ 182,10</b>	<b>Cr\$ 344,79</b>
Combustível			Cr\$ 49,16
4.692 Gs. Baygon a Cr\$ 66,33			Cr\$ 311,00
<b>TOTAL GERAL:</b>			<b>Cr\$ 704,95</b>

**TABELA I**  
**PLANO INICIAL DE APLICAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE BAYGON PARA COMBATE AO**  
**P. MEGISTUS NO PROJETO INICIADO EM JANEIRO DE 1972**

ÁREA	Nº de Casas *	Índice de Infestação domiciliar	Gramas de Baygon por casa **	Frequência	Datas das Aplicações Anual da borrifação
A	73	9,7%	200x0,4= 80	1 vez	Maio 1972 - Maio 1973
B	68	12,3%	200x0,4= 80	2 vezes	Maio 1972 - Maio 1973 Novembro 1972
C	51	25%	200x0,8 = 160	1 vez	Maio 1972 - Maio 1973
Controle	67	15,3%	APLICAÇÃO DE PIRIZA		Janeiro 1972 - Maio 1973

\* - Houve construções e demolições de casas durante as observações.

\*\* - Cálculo aproximado de uma casa = 200 m<sup>2</sup>; como o produto comercial é em mistura de 50%, duplicou-se a dosagem.

**TABELA II**  
**PLANO INICIAL DE APLICAÇÃO E CONCENTRAÇÃO DE BAYGON PARA COMBATE AO P.**  
**MEGISTUS NO PROJETO INICIADO EM NOVEMBRO DE 1973**

Área	Nº de Casas *	Índice de Infestação domiciliar	Gramas de Baygon por casa	Frequência Anual **	Datas das Aplicações
A	81	19,7%	200x1,6= 320	2 vezes	Novembro 1973 - Maio 1974 Novembro 1974
B	84	9,8%	200x3,2 =640	1 vez	Novembro 1973 - Novembro 1974
C	58	23%	200x3,2=640	2 vezes	Novembro 1973 Maio 1974 - Novembro 1974
Controle	82	11,5%	APLICAÇÃO DE PIRIZA		Novembro 1973 Novembro 1974

\* - Algumas casas foram demolidas e outras construídas durante o período de observações.

\*\* - Cálculo aproximado de uma casa = 200 m<sup>2</sup>; como o produto comercial é em mistura de 50%, duplicou-se a dosagem.

**TABELA III**  
**PESQUISA PARA TRIATOMÍNEOS IMEDIATA A BORRIFICAÇÃO COM O BAYGON (O.M.S. 33)**  
**EM MAIO DE 1972, NA ÁREA DE SÃO FELIPE – BAHIA**  
**ENDÊMICA PARA DOENÇA DE CHAGAS**

Áreas	Localidades	CASAS				TRIAMOMÍNEOS							
		Exis- tentes	Borri- fadas	Com Triato- míneos	%	Com Triat. Infec.	%	Cole- tados	Horas Gastas	Média Horária	Exami- nados	Posi- tivo	%
A	Retiro	41	41	4	9,7	1	25,0	21	7,30	2,8	21	1	4,7
	Pequi	30	30	7	23,3	6	35,7	32	7,00	4,5	32	25	78,1
	Timbó	7	7	1	14,2	1	100,0	4	1,30	2,6	4	3	75,0
Sub – Total		78	78	12	15,3	8	66,6	57	16,00	3,5	57	29	50,8
B	Ferreira	49	49	11	22,4	5	45,4	190	11,00	17,2	190	10	5,2
	Cangalheiros	27	27	4	14,8	1	25,0	37	5,20	7,1	37	1	2,7
Sub – Total		76	76	15	19,7	6	40,0	227	16,20	13,8	227	11	4,8
C	Sapezinho	57	57	22	38,5	7	31,8	77	11,30	6,6	76	20	26,3
– Total		211	211	49	23,2	21	42,8	361	43,20	8,2	360	60	16,6
Con- trole	Genipapo	77	74	16	21,6	1	6,2	102	13,20	7,8	77	1	1,2
Total Geral		288	285	65	22,8	22	33,8	463	56,40	8,1	437	61	13,9

**TABELA IV**  
**PESQUISA PARA TRIATOMÍNEOS IMEDIATA A BORRIFICAÇÃO COM O BAYGON (O.M.S. 33)**  
**EM MAIO DE 1973, NA ÁREA DE SÃO FELIPE – BAHIA**  
**ENDÊMICA PARA DOENÇA DE CHAGAS**

Áreas	Localidades	CASAS				TRIAMOMÍNEOS							
		Exis- tentes	Borri- fadas	Com Triato- míneos	%	Com Triat. Infec.	%	Cole- tados	Horas Gastas	Média Horária	Exami- nados	Posi- tivo	%
A	Retiro	38	36	7	19,4	2	29,0	14	7,00	2,0	14	2	14,2
	Pequi	35	32	7	21,8	4	57,1	34	8,00	4,2	34	11	32,3
	Timbó	8	8	1	12,5	0	0,0	15	1,30	11,5	15	0	0,0
Sub – Total		81	76	15	19,7	6	40,0	63	16,30	3,8	63	13	20,6
B	Ferreira	54	51	3	5,8	1	33,3	36	11,00	3,2	36	5	13,8
	Cangalheiros	30	30	5	16,7	2	40,0	8	8,30	0,9	6	3	50,0
Sub – Total		84	81	8	9,8	3	3,7	44	19,30	2,2	42	8	19,0
C	Sapezinho	58	53	12	23,0	7	58,3	31	11,00	2,9	32	16	50,0
Total		223	210	35	16,6	16	45,7	138	47,00	2,9	137	37	27,0
Con- trole	Genipapo	82	82	9	11,5	3	33,3	182	22,00	8,2	175	38	21,0
Total Geral		305	292	44	15,2	19	43,2	320	69,00	4,6	312	75	24,0

TABELA V

PESQUISA PARA TRIATOMÍNEOS IMEDIATA A BORRIFAÇÃO COM O BAYGON (O.M.S. 33)  
EM MAIO DE 1973, NA ÁREA DE SÃO FELIPE - BAHIA  
ENDÊMICA PARA DOENÇA DE CHAGAS

Áreas	Localidades	CASAS					TRIAATOMÍNEOS						
		Exis- tentes	Borri- fadas	Com Triato- míneos	%	Com Triat. Infec.	%	Cole- tados	Horas Gastas	Média Horária	Exami- nados	Posi- tivo	%
A	Retiro	36	36	3	8,3	2	66,6	6	6,00	1,0	3	2	60,0
	Pequí	34	32	2	6,2	2	100,0	10	5,20	2,0	9	9	100,0
	Timbó	6	6	0	0,0	0	0,0	0	1,00	0,0	0	0	0,0
	Sub - Total	76	74	5	6,7	4	80,0	16	12,00	1,2	12	11	91,6
B	Ferreira	52	52	5	9,6	1	20,0	17	9,00	1,8	15	6	40,0
	Cangalheiros	24	24	2	8,3	1	50,0	8	5,00	1,6	7	4	57,0
	Sub - Total	76	76	7	9,2	2	28,5	25	14,00	1,7	22	10	45,0
C	Sapezinho	54	54	7	12,9	0	0,0	15	8,00	1,8	9	0	0,0
	Sub - Total	206	204	19	9,3	6	31,5	56	34,20	1,6	43	21	48,8
Con- trole	Genipapo	75	73	9	12,3	1	11,0	42	15,00	2,8	9	1	11,1
	Total Geral	281	277	28	10,0	7	25,0	98	49,20	1,9	52	22	42,3

**TABELA VI**  
**PESQUISAS PARA TRIATOMINEOS IMEDIATA A BORRIFICAÇÃO COM O**  
**(BAYGON O.M.S. - 33) EM JULHO DE 1974 NA ÁREA**  
**DE SÃO FELIPE - BAHIA**

Área	Localidades	CASAS								TRIA TOMINEOS						
		Exist	Borrf	%	Com Triat	%	C/Triat Infectado	%	Vestg	%	Col.	Horas Gasta	Média Horária	Ex.	Pos	%
A	Retiro	34	34	100,0	0	0,0	0	0,0	3	0,88	0	9:00	0,0	0	0	0,0
	Pequi	35	35	100,0	1	0,28	1	100,0	0	0,0	3	8:00	0,37	3	3	100,0
	Timbó	6	6	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	1:14	0,0	0	0	0,0
Sub-Total		75	75	100,0	1	1,3	1	1,3	3	4,0	3	18:14	0,01	3	3	100,0
C	Sapezinho	59	59	100,0	2	0,33	1	50,0	2	0,33	7	15:02	0,04	7	6	86,0
Total Geral		134	134	100,0	3	0,22	2	66,6	5	0,37	10	33:16	0,30	10	9	90

**TABELA VII**  
**PESQUISA PARA TRIATOMÍNEOS IMEDIATA A BORRIFICAÇÃO COM O BAYGON (O.M.S. 33)**  
**EM FEVEREIRO DE 1975 NA ÁREA DE SÃO FELIPE - BAHIA**  
**ENDÊMICA PARA DOENÇA DE CHAGAS**

Áreas	Localidades	CASAS						TRIA TOMINEOS					
		Exis- tentes	Borri- fadas	Com Triato míneo	%	Com Triat. Infec.	%	Cole- tados	Horas Gastas	Média Horá-	Exami- nado	Posi- tivo	%
A	Retiro	34	34	3	8,8	2	66,6	10	5,00	2,0	8	8	100,0
	Pequi	34	34	7	20,5	4	57,1	32	6,00	5,3	23	10	43,4
	Timbó	6	6	0	0,0	0	0,0	0	1,00	0,0	0	0	0,0
	Sub Total	74	74	10	13,5	6	60,0	42	12,00	3,5	31	18	58,0
B	Ferreira	51	51	10	19,6	1	10,0	74	9,00	8,2	31	1	3,2
	Cangalheiros	25	25	0	0,0	0	0,0	0	4,00	0,0	0	0	0,0
	Sub Total	76	76	10	13,1	1	10,0	70	13,00	5,3	31	1	3,2
C	Sapezinho	58	58	4	6,8	0	0,0	8	10,00	0,8	7	0	0,0
<b>TOTAL</b>		208	208	14	6,7	7	50,0	120	35,00	3,4	69	19	27,5
Con- trole	Genipapo	56	56	8	14,2	6	75,0	32	10,00	3,2	31	14	45,1
Total Geral		264	264	22	8,3	13	59,0	156	45,00	3,4	100	33	33,3

## CUSTO OPERACIONAL

Quanto ao custo operacional do Baygon, utilizando os dados gerais obtidos das borrficações em 1973, pudemos encontrar o que segue acrescido dos dados do Quadro II.

Preço do Kilograma de Baygon Cr\$ 66,33

Baygon gasto por casa . . . . . 276 gramas

Pessoal utilizado . . . . . 1 supervisor

2 guardas

borrifa-

dores

1 motorista

Número de casas borrfadas por  
turma dia . . . . . 17 casas

Numero de casas borrfadas por  
homem dia . . . . . 8,5 casas

Custo p/casas trabalhada em 1973 - Cr\$  
41,46.

Foi possível, com o Baygon observar-se o desejo e a aceitação da população com referência a aplicação do inseticida, não havendo recusas para impedir a sua borrficação, como é frequentemente observado com outros inseticidas. Não houve também queixas ou informações de reações colaterais e

o povo gostava do odor do Baygon. Entretanto salientamos que em uma das aplicações do produto, foi necessária a utilização de antídotos para o tratamento de intoxicação aguda em duas pessoas, as quais contudo, apesar de alertadas, expuseram-se a forte doses do inseticida durante a sua aplicação. A quantidade de insetos e aracnídeos que eram forçados a retirarem-se dos esconderijos devido a ação desalojante do Baygon dava a impressão de que sua eficácia era muito maior do que a real e isto muito contribui para que a população facilitasse a sua aplicação.

## COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Não existem na literatura referências sobre a experimentação do Baygon para combater triatomíneos no Brasil. Entretanto, esse inseticida foi experimentado noutros países sul-americanos para combater o *Triatoma infestans*. Os resultados obtidos pelos Autores que o experimentaram nos países nossos vizinhos, foram por eles considerados bons. Isso possivelmente foi devido as dosagens elevadas e aos esquemas de aplicações freqüentes que empregaram. Entre-



tanto, o cronograma de aplicações do Baygon com que Schenone e Cols<sup>2</sup> obtiveram bons resultados no controle de *T. infestans*, não pôde ser adotado nas nossas experimentações. Tal esquema era impraticável de ser posteriormente aplicado nas áreas infestadas por triatomíneos do Brasil. Como sabemos, dentro da nossa estrutura burocrática funcional, só é possível de ser realizado um programa profilático com inseticidas, se o cronograma de aplicações da substância exigir, no máximo intervalos semestrais. Já estávamos cientes de que, até mesmo em trabalhos experimentais em pequenas áreas, onde foi concentrado o máximo interesse do pessoal executante, algumas vezes não foi possível obedecer o cronograma operacional planejado das aplicações que tinham intervalos trimestrais. Portanto, para nós, é apenas teórico o fato de que o inseticida quando reaplicado com intervalos de tempo mais curto seja muito mais eficaz, pois como salientamos, não poderá funcionar na prática.

O custo operacional do Baygon foi relativamente elevado. Enquanto que o BHC teve um custo operacional de cerca de Cr\$ 25,00 e o do malathion de Cr\$ 26,50, o do Baygon foi orçado em Cr\$ 41,46 portanto bastante mais elevado, e isso devido quase que exclusivamente ao alto preço do produto.

Por um lado, o Baygon possui algumas condições mais vantajosas que os outros inseticidas que testamos, no que se refere a ser usado em campanhas de largo âmbito, a começar pela sua desalojante, a qual pode ser utilizado para os levantamentos de avaliação, economizando-se assim a utilização de piriza. Um outro fato também muito importante é o de ter o Baygon uma toxicidade relativa-

mente baixa. Durante os três anos de trabalhos com o mesmo, raros foram os fenômenos de intoxicações que observamos na nossa área de experimento. Se existe ação teratogênica, por efeito acumulativo ou tardio, ou de desenvolvimento lento, até agora não foi observado entre nós.

Um outro fator interessante é de que o Baygon tem um odor agradável e a sua ação desalojante para o inseto, que é imediata, impressiona muito bem aos moradores das residências onde está sendo aplicado. Isto significa facilita muito o prosseguimento da campanha com esse tipo de inseticida. Já observamos com outros inseticidas a ocorrência do inverso, quando alguns moradores, apesar de esclarecidos sobre os danos que os triatomíneos poderiam trazer, não permitiram a aplicação daquele inseticida que consideravam mais prejudiciais que os insetos vetores de doenças.

Em conclusão podemos dizer que, o Baygon, embora nas baixas concentrações e dilatados períodos de aplicações que o utilizamos, não tenha mostrado grande eficácia contra o *P. megistus*, de certo modo pode controlar esse triatomíneo. Portanto, poderá ser considerado uma arma a mais para o combate aos vetores de Doença de Chagas em determinadas circunstâncias. Evidentemente que, devido ao elevado custo, é provável que não ofereça condições de ser utilizado em campanhas profiláticas de âmbito nacional. Entretanto, poderá muito bem ser utilizado pela iniciativa privada, particularmente por fazendeiros de recursos, que o possam adquerir no comércio para uso em suas próprias fazendas, protegendo-se assim e aos seus moradores, contra a proliferação dos vetores da doença de Chagas.

#### S U M M A R Y

*From 1972 to 1975, 200 dwellings were sprayed with Baygon (OMS-33) (2-isopropoxifenil-N metil-carbamate), to control Panstrongylus megistus the vector of Trypanosoma cruzi in an endemic Chagas' disease area in the State of Bahia, Brazil. A dose of only 1.6 mg/m<sup>2</sup> of Baygon sprayed twice a year was considered satisfactory for controlling P. megistus. However, the high cost of Baygon prohibits its use on large scale control programs. Nevertheless, the Authors suggest that Baygon can be useful in eliminating vector bugs from individuals houses by those who can afford it.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) BAYER PELENZENSCHUTZ. LEVERKUSEN – 1970 – BAYGON (Bayer 39.007, OMS-33) Informacion Tecnica. 10 p.o.
- 2) SCHENONE, H., VILLARROEL, F. & KUNZ, E. – Ensayo de Control del *Triatoma infestans* en viviendas rurals mediante rociamientos com isopropoxifenil – n – metilcarbarnato (OMS-33). *Bol. Chile no Parasitol.* 25 (3-4):143 – 146, 1970.
- 3) SHERLOCK, I. A., MUNIZ, T.M. & GUITTON, M. – A ação do Malathion sobre os ovos de Triatomíneos vetores de Doença de Chagas. *Rev. Soc. Brasil. Med. Trop.*: XI 77, 1976.
- 4) SHERLOCK, I. A., & Muniz, T.M. – Observações sobre o combate ao *P. megistus* com BHC em área infestada do Estado da Bahia, Brasil. *Rev. Brasil. Malar. D. Trop.* 1974.
- 5) SHERLOCK, I. A. & Muniz, T.M. – Combate ao *Panstrongylus megistus* com o Malathion Concentrado. *Rev. Soc. Brasil. Med. Trop.*: IX 289, 1975.